

Ética, Anarquia e Revolução em Maria Lacerda de Moura

(Margareth Rago em Reis, Daniel Aarão e Ferreira, Jorge. *As esquerdas no Brasil*, vol. 1 *A Formação das Tradições, 1889-1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 262-293).

“A vida não cabe dentro de um programa...”

Maria Lacerda de Moura

Se, ainda hoje, são reduzidos os nomes conhecidos das ativas militantes políticas de esquerda não só Brasil, é na história do movimento operário brasileiro que se encontra uma das mais importantes figuras do anarquismo: **Maria Lacerda de Moura**. Educadora libertária, escritora feminista, jornalista polêmica e oradora prestigiada, destaca-se por uma vibrante atuação nos meios políticos, culturais e literários brasileiros e sul-americanos, desde as primeiras décadas do século 20, quando se constitui o movimento operário, com a formação do mercado de trabalho livre, a industrialização e a vinda dos imigrantes europeus e de suas doutrinas políticas.¹

Além dos inúmeros livros, artigos e folhetos em que denuncia as múltiplas formas da dominação burguesa, da opressão masculina e da exploração capitalista do trabalho, pesquisas recentes revelam que vários dos textos de Maria Lacerda de Moura podem ser encontrados não apenas nos periódicos brasileiros, mas também nas revistas anarquistas, publicadas na Espanha e na Argentina, entre as décadas de 1920 e 1930. Mesmo assim, apenas em 1984, vem a público a única biografia existente sobre ela, graças aos esforços da historiadora feminista Míriam Moreira Leite.² A partir de então, sua figura ganha visibilidade para além do universo do

¹ Veja-se Boris Fausto – Trabalho Urbano e Conflito Social. São Paulo: Difel, 1976; sobre a história das trabalhadoras nesse período, vejam-se: Heleieth Saffioti - A mulher na sociedade de classes: mito e realidade. São Paulo: Quatro Artes, 1969; Maria Valéria Juno Pena – Mulheres e Trabalhadoras. Presença feminina na constituição do sistema fabril. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981; June Hahner - Emancipating the Female Sex. The Struggle for women's rights in Brazil, 1850-1940. London: Duke University Press, 1990.

² Miriam L. Moreira Leite – Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Ática, 1984; Edgar Rodrigues – Os Libertários, Rio de Janeiro: VJR Editores Associados, 1993, pps.67-91; Liane Peters Richter – Emancipação feminina e moral libertária: Emma Goldman e

movimento operário e sindical e o impacto de seus textos provocativos nos faz rever tanto a história da presença feminina nos movimentos de resistência social no país, quanto a história do feminismo brasileiro. Em 2005, aparece uma antologia de seus textos, também por iniciativa de sua biógrafa e da *Editora Mulheres*, de Florianópolis³, enquanto o *Laboratório de Imagem e Som em Antropologia* da Universidade de São Paulo dedica-lhe um vídeo de 30 minutos.

E, no entanto, nas décadas iniciais do século 20, foram poucas as mulheres, não apenas no Brasil, que perguntaram pela possibilidade de fundar uma nova ética, baseada na liberdade, na solidariedade e na justiça social. Nesse sentido, Maria Lacerda criticou violentamente a moral burguesa e a ideologia da domesticidade; problematizou abertamente questões tão fundamentais e polêmicas quanto a sexualidade, a exclusão das mulheres da vida pública, sua identificação à natureza e seu confinamento na esfera privada; denunciou a pedagogia do medo e da submissão na formação dos/as jovens; questionou as formas da política institucional e a necessidade da guerra.

Certamente, a perspectiva libertária e feminista que norteava suas reflexões, num país recém egresso da escravidão e fortemente marcado pelo patriarcalismo exigiu daquela mulher, nascida em Minas Gerais, em 16 de maio de 1887, muita ousadia e coragem. Nos inícios do século passado, esperava-se que médicos, juristas e outros homens cultos enunciassem suas concepções morais, em geral, muito conservadoras e orientassem a conduta dos/as jovens, mas jamais caberia a uma mulher a palavra dita racional, menos ainda a uma militante anarco-feminista. Naquele tempo, temas sexuais - do casamento ao adultério e ao divórcio, da prostituição ao aborto e à violência sexual, do amor livre ao prazer sexual da mulher - jamais deveriam ser objetos explícitos da inquietação feminina. A palavra das mulheres, de direita ou de esquerda, começava a ser bem-vinda no mundo público, como também observava a escritora feminista inglesa Virgínia Woolf, em seu livro Um teto todo seu, de 1929⁴, desde que se colocasse em defesa do matrimônio, do cumprimento dos deveres conjugais e do desejo sagrado

Maria Lacerda de Moura. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em História da UNICAMP, 1998

³ Maria Lacerda de Moura/Miriam Lifchitz Moreira Leite – Maria Lacerda de Moura, uma feminista utópica. Florianópolis: Editora Mulheres, 2005.

⁴ Virgínia Woolf – Um teto todo seu. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

da maternidade. Na Modernidade, o mundo passava a dividir-se cada vez mais nitidamente entre as esferas pública e privada, a primeira aberta aos homens e a segunda destinada às mulheres, segundo uma partilha legitimada com argumentos científicos biológicos, impregnados pelos dogmas cristãos.⁵

Maria Lacerda se destaca pela rebeldia que caracteriza sua experiência pessoal e pela ousadia de seu pensamento, enunciado nos inúmeros artigos, folhetos e livros publicados, tanto quanto nas conferências realizadas nos círculos operários e femininos. Oriunda de uma família anticlerical e tendo-se formado pela Escola Normal de Barbacena (MG), em 1904, toma contato com as idéias pedagógicas renovadoras da médica feminista Maria Montessori⁶ e dos pedagogos anarquistas Paul Robin⁷, Sebastien Faure⁸ e Francisco Ferrer y Guardía⁹. Fuzilado pelo governo espanhol, em 1909, Ferrer inspira a criação das “Escolas Modernas”, onde se praticam os princípios libertários de uma nova concepção educacional, também no Brasil.¹⁰

Em 1919, no mesmo momento em que essas escolas pioneiras, localizadas nos bairros operários sofrem um violento ataque por parte do governo e são completamente destruídas pela repressão policial, Maria Lacerda trava contato com o professor e militante anarquista José Oiticica¹¹, que visitava Barbacena, iniciando-se, então, uma grande amizade. Daí em diante, cresce sua adesão aos ideais libertários, à medida em que aprofunda seu conhecimento do anarquismo e em que se desenvolve sua experiência da militância, em São Paulo e no Rio de

⁵ Veja-se, nessa direção, Susan K. Besse – Modernizando a Desigualdade. São Paulo: EDUSP, 1999

⁶ Maria Montessori (1870-1952), médica italiana, autora de inúmeras obras educacionais.

⁷ Paul Robin (1837-1912), educador anarquista francês, teve grande impacto sobre Sebastien Faure e Francisco Ferrer y Guardía.

⁸ Sebastien Faure (1858-1942), pedagogo francês, importante líder do movimento anarquista, escreveu a Encyclopédie Anarchiste em 4 vols, entre outras obras.

⁹ Francisco Ferrer y Guardía (1849-1909), pedagogo espanhol anarquista, fundador do projeto das “Escolas modernas”, que se difunde por todo o mundo ocidental.

¹⁰ Regina Célia Mazoni Jomini – Uma educação para a solidariedade: contribuição ao estudo das concepções e realizações educacionais dos anarquistas na República Velha. Campinas, SP: Pontes: Editora da UNICAMP, 1990; Silvio Gallo – Educação Anarquista: um paradigma para hoje. Piracicaba: Ed. UNIMEP, 1995; Pedagogia do Risco: experiências anarquistas em educação. Campinas: Papyrus, 1995.

¹¹ Um dos principais expoentes do anarquismo brasileiro, José Oiticica nasce em Minas Gerais, em 1882, forma-se em Direito pela Faculdade de Direito do Recife, em 1902, mas torna-se

Janeiro. Cada vez mais, a educadora feminista e anti-clerical passa a defender uma nova pedagogia, entendendo que *“as prisões fazem criminosos. A cadeia humilha. Ali explodem degenerescências. Para as crianças – somente casas de educação e nunca a chibata, a prisão, o trabalho forçado ou o tribunal.”*¹²

Em 1921, logo que chega a São Paulo, em meio às agitações operárias do período, Maria Lacerda inicia sua colaboração na imprensa anarquista, escrevendo em jornais como “A Plebe”, “A Lanterna” e “O Trabalhador Gráfico”; realiza palestras nos meios operários e sindicais, como a “União dos Trabalhadores Gráficos”; é convidada a unir-se à bióloga feminista Bertha Lutz e às suas companheiras para a fundação da “Federação Internacional Feminina”, cujo programa anunciava o objetivo de *“canalizar todas as energias femininas dispersas no sentido da cultura filosófica, sociológica, psicológica, ética, estética – para o advento da sociedade melhor.”*

Um ano depois, porém, já a encontramos divorciada dessa organização de tendência liberal, entendendo que a luta pelo direito de voto respondia a uma parcela muito limitada das necessidades femininas, mas jamais seria um caminho para sua própria emancipação. No primeiro número da revista feminina “Renascença”, que lança em São Paulo, em fevereiro de 1923, suas posições políticas libertárias se explicitam:

“O que a mulher altamente emancipada reivindica, na hora atual, não é o simples direito de voto - é muito mais do que isso. Não é a concessão política, a entrada no parlamento ou um cargo administrativo - o que aliás não revoluciona a questão da emancipação feminina.(...) E, porventura, os homens não estão sacrificados? (...) Emancipar a mulher? Não! Emancipar o gênero humano!”

Vale lembrar que os/as anarquistas, desde suas origens no século 19, questionam radicalmente as formas modernas de organização da vida social, da dominação cotidiana no espaço do trabalho à moral sexual obscurantista e à educação autoritária. Também no Brasil, no

professor catedrático de Português no Colégio D. Pedro II, no Rio de Janeiro. Falece em 1957. In: Edgar Rodrigues, op. cit., pp.33-66.

¹² Maria Lacerda de Moura – A mulher é uma degenerada? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1932, 3ª ed, In: Moura/ Leite, 2005, op.cit, p.106.

momento em que se constitui a sociedade disciplinar no mundo urbano-industrial, em que se organiza a produção em moldes ditos “científicos” ou “racionais”, e em que se difundem o taylorismo e o fordismo nas fábricas, os anarquistas defendem a autogestão da produção, o que supõe a descentralização na organização do trabalho.¹³ Críticos das relações de poder na vida cotidiana, no público e no privado, questionando as desigualdades sociais e as hierarquias de gênero, condenam o casamento monogâmico indissolúvel, a exigência “anti-higiênica” da virgindade para as mulheres, como afirma Maria Lacerda, seu confinamento na esfera doméstica e o culto da maternidade, no momento mesmo em que se valoriza, nos grandes centros urbanos, a ideologia da domesticidade, fundada em argumentos biológicos sobre a essência feminina. Pregam, na contramão da Modernidade burguesa, a emancipação feminina, a maternidade como opção, o direito ao prazer sexual e o amor livre também para as mulheres.

Em relação à formação das crianças e dos jovens, os anarquistas entendem que uma educação libertária, livre das imposições normativas, das formas de assujeitamento que visam a produção de “corpos dóceis”, como diria Foucault, muitas décadas depois¹⁴ seria a única possibilidade de criar indivíduos livres e criativos para uma nova coletividade. Os meios determinam os fins, insistem, e por isso mesmo atacam com todas as forças a idéia da “ditadura do proletariado”, como momento necessário de transição ao advento da sociedade igualitária. Ao contrário do que afirmam historiadores liberais ou marxistas, os anarquistas nunca formaram um partido revolucionário, porque não acreditam nas estruturas burocráticas e não visam a conquista do Estado, mas sim sua destruição, e tampouco endossam as teses leninistas a respeito do papel iluminista do “intelectual orgânico”, condutor das massas no caminho “correto” da revolução.

Entendendo com os libertários que a revolução social exige o fim das hierarquias sociais e novas condições de produção não apenas econômicas, mas também relativas à constituição do sujeito ético; assumindo que as condições de igualdade e justiça social não se realizariam enquanto os ricos explorassem os pobres e os homens oprimissem as mulheres, Maria Lacerda desenvolve uma profunda reflexão ética nos instigantes livros, folhetos e artigos que publica entre as décadas de 1910 e 1930, a exemplo de Em torno da Educação(1918), A Mulher é uma Degenerada?(1924), Religião do Amor e da Beleza (1926), Han Ryner e o Amor Plural (1928),

¹³ Margareth Rago – Do cabaré ao lar. A utopia da cidade disciplinar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1^aed.1985; 3.ed. 1991.

Amai e não vos multipliqueis(1932), Serviço militar obrigatório para a mulher? Recuso-me! Denuncio! (1933), entre outros.

Crítica contundente da moral sexual burguesa, que considera repressiva e hipócrita, radicaliza a denúncia da opressão de gênero sobre as mulheres pobres ou ricas. Temas dificilmente discutidos por mulheres em sua época, como a educação sexual dos jovens, a exigência da virgindade feminina, o amor livre, o direito ao prazer sexual, o divórcio, a maternidade consciente e a prostituição figuram entre os mais importantes na extensa produção intelectual da militante mineira. Vários de seus livros, artigos e opúsculos são traduzidos na Argentina, onde é convidada para realizar ciclos de palestras, em Buenos Aires e em outras localidades, assim como se encontram nas revistas libertárias “Estúdios” e “La Revista Blanca”, publicadas na Espanha desse período.

o sujeito ético e a nova moral sexual

Todos esses atributos de Maria Lacerda foram destacados, aliás, num artigo publicado na revista espanhola *Estudios*, em 1931, em que o autor a apresentava ao público espanhol em termos muito elogiosos:

“Não existe no Brasil, pelo menos que saibamos, uma instituição docente ou uma entidade que tenha realizado um trabalho de tanto alcance na esfera psicológica e na ordem normativa que possa comparar-se à obra de Maria Lacerda de Moura, que encarna o tipo da mentalidade feminina evoluída, cultíssima, discreta e ponderada, audaz e inaudita.

É indubitável que a produção filosófica e pedagógica devida à grande ideóloga, tem um extraordinário valor intelectual; porém, é desde o ponto de vista ético que sua personalidade se destaca de modo superlativo. Mesmo nos países em que a literatura feminista logrou maior esplendor, escritoras do porte de Maria Lacerda não abundam.”¹⁵

¹⁴ Refiro-me ao livro de Michel Foucault - Vigiar e Punir. Rio de Janeiro: Graal,1976

¹⁵ Santiago Valenti Camp – “La pensadora María Lacerda de Moura”, *Estudios*, Barcelona, fevereiro de 1931, ano IX, n.90, p.11.

De fato, mais do que a emancipação das mulheres, a construção de novos sujeitos éticos, capazes de criar formas de sociabilidade pautadas pela solidariedade, pelo amor ao próximo e pelo respeito à diferença esteve fortemente presente nos horizontes de Maria Lacerda. Por isso, seus escritos mais contundentes dizem respeito à ética e à educação e, na condição de feminista, a aguda percepção das dificuldades que enfrentavam as mulheres brasileiras ganha um lugar privilegiado em seus questionamentos e lutas.

Assim, em Religião do Amor e da Beleza¹⁶, essa combativa militante desestabiliza as hierarquias de gênero e propõe uma nova moral sexual, em que a mulher pudesse ser elevada moral e espiritualmente.

“A mulher tem sido corpo apenas; a alma feminina dorme na inconsciência de uma involução milenar”, dizia ela, “A grande questão é desenraizá-la desse sectarismo que mata qualquer iniciativa cerceando a razão, é fazê-la observar, viajar a imaginação pela Natureza imensa (...)”

E acrescenta:

“Ser livre, livre, absolutamente livre, na consciência, no pensamento, no sentimento. Para ser livre assim é indispensável que a mulher se emancipe pelo coração e pela razão, deixando de ser medula para conhecer a verdadeira sensibilidade, que voe como as águias fitando o sol(...)”¹⁷

Em Amai e não vos multipliqueis¹⁸, responsabiliza a sociedade burguesa e misógina pela subordinação feminina:

“Mutilaram a mulher, através dos preconceitos e das convenções sociais: fizeram dela um ser incompleto e desgraçado no tipo solteirona e resolveram o problema sexual

¹⁶ Maria Lacerda de Moura - Religião do Amor e da Beleza. São Paulo: Condor, 1926

¹⁷ Religião do amor e da beleza, op., cit, pgs. 51 e 55.

¹⁸ Amai e não vos multipliqueis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1932

masculino, organizando o mercado das relações sexuais, a prostituição, os “cabarets” e cassinos, as casas de tolerância, os “recursos”, os “rendez-vous” e o caftismo.”¹⁹

Ao contrário dos homens cultos do período e principalmente dos médicos, que justificavam a exclusão das mulheres do mundo público por sua suposta inferioridade biológica, Maria Lacerda atacava a moral e a ciência burguesas, assim como a ideologia da domesticidade, em plena ascensão no mundo urbano-industrial, mostrando como impediam o desenvolvimento psíquico e o amadurecimento pessoal das mulheres, ao incutir-lhes uma série de preconceitos e obrigações no espírito.

“Dentro da sociedade capitalista a mulher é duas vezes escrava: é protegida, a tutelada, a “pupila” do homem, criatura domesticada por um senhor cioso e, ao mesmo tempo, é a escrava social de uma sociedade baseada no dinheiro e nos privilégios mantidos pela autoridade do Estado e pela força armada para defender o poder, o dominismo, o industrialismo monetário.”²⁰

Em sua crítica à exigência da virgindade para as moças antes do casamento e à prostituição, tanto quanto à obrigação da maternidade, afirma:

“É bárbaro o prejuízo da virgindade, da castidade forçada para o sexo feminino, castidade imposta pela lei e pela sociedade, como é bárbara a prostituição “necessária” para resguardar a “pureza” da carne das “jeune-filles” (...) e para saciar os esfomeados de todas as idades e de todos os estados civis. Também é selvageria a maternidade não desejada, a maternidade imposta pelos maridos comodistas às mulheres ignorantes e duplamente sacrificadas.”²¹

Discutindo com o médico português Miguel Bombarda, que procurava demonstrar, na trilha do italiano Cesar Lombroso, pai da Antropologia Criminal, que a mulher é um ser

¹⁹ Moura/ Leite, 2005, op. cit, p.221.

²⁰ Idem, p.214

biológica e moralmente inferior ao homem, em seu livro A Epilepsia e as pseudo epilepsias, ela escreve A Mulher é uma Degenerada?²², uma de suas obras mais importantes. Nesta, questiona com profundidade o mito da inferioridade cerebral das mulheres, desautorizando as verdades científicas de sua época. Já no prefácio ao livro do psiquiatra argentino Julio Barcos, Liberdade sexual das mulheres, que, aliás, traduz, Maria Lacerda questiona a identificação elementar da mulher com seu órgão reprodutivo e a dupla moral escravizadora do chamado “sexo frágil”:

“A ciência costuma afirmar que a mulher é uma doente periódica, que a mulher é útero. Afirma que o amor para o homem, é apenas um acidente na vida e que o amor, para a mulher, é toda a razão de ser da sua vida, e ela põe nessa dor, o melhor de todas as suas energias e esgota o cálice de todas as suas amarguras, pois que o amor é a consequência lógica, inevitável de sua fisiologia uterina. Há engano no exagero de tais afirmações. Ambos nasceram pelo amor e para o amor.”²³

Pode-se dizer que, antecipando o que será o grande centro de investimento do movimento feminista, a partir da década de 1970, a saber, a questão dos direitos reprodutivos e da violência doméstica, Maria Lacerda, ao lado de outras anarquistas, denuncia o “contrato sexual” implícito no contrato social, que exige o direito ao corpo e ao prazer sexual das mulheres.²⁴ Segundo ela, a sociedade estabelece partilhas profundamente nocivas ao desenvolvimento humano, pois assentadas na escravidão da mulher e no servilismo dos fracos. Nesse sentido, o casamento monogâmico beneficiaria exclusivamente o homem e não a mulher:

“Esse “contrato” é a partilha do leão: o homem é forte, instrui-se, vai até onde sua capacidade o leva, e , a mulher ‘é do lar’, não cursa estudos superiores, obedece, serve, abdica do direito de pensar para “ser do lar”, para defender a instituição da família (...).”²⁵

²¹ Idem, p.221

²² Maria Lacerda de Moura - A Mulher é uma Degenerada? São Paulo: Typ.Paulista, 1924

²³ Maria Lacerda de Moura – prefácio ao livro do psiquiatra argentino Julio Barcos - Liberdade Sexual das Mulheres. Traduzido por ela, 4^aed., 1929; Também citado em Moura/Leite, 2005, op.cit, p.54

²⁴ Carole Patman – O contrato sexual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993

²⁵ M. L. de Moura - Religião do Amor e da Beleza, op. cit, p.184

Erudita, participa ativamente dos debates sobre a moral, a sexualidade e a família nuclear que dominavam o cenário intelectual do período, citando, em seus escritos, autores como Nietzsche, Stirner, Freud, Havellock Ellis, Malthus, Ellen Key, Federica Montseny, Alexandra Kollontai, Anatole France, Henryk Ibsen, entre outros.²⁶ Mas a grande inspiração de seu anarquismo individualista vem do filósofo libertário francês Han Ryner²⁷, com quem passa a defender convictamente o “amor plural”. A plena realização da liberdade de amar para mulheres e homens, a seu ver, seria capaz de eliminar os crimes passionais, os ciúmes, o desejo de vingança, a prostituição e as opressões de gênero. Nesse sentido, contrasta o amor livre e plural com o amor único: “*A paixão exclusiva e ciumenta por uma única pessoa, o pretense amor tal como nossa absurda Universidade ensina aos nossos desgraçados jovens, através dos poetas trágicos, é, com efeito, a mais terrível das tragédias.*”²⁸

E este ideal, que têm implicações políticas, acrescenta ela, é principalmente destinado às mulheres, pois os homens desfrutam da liberdade de amar:

“Se o amor para o homem é apenas acidente na vida, e não é bem assim, é que o homem realiza, consciente ou inconscientemente, o amor plural: está mais perto de sua libertação.. (...) O homem é pluralista: é a razão de sua calma, da sua experiência, da sua maior serenidade, da sua certeza indo ao encontro do prazer ou do amor. Sabe que não se esgotará num só, que tem reservas para continuar o seu caminho e vai ao encontro de todos os deliciosos acidentes ou de todas as experiências amorosas que venham pairar em torno dos seus desejos. Quanto à mulher, convencionaram que só pode amar a um homem, dentro da lei ou fora dela.”²⁹

²⁶ Miriam Moreira Leite, op.cit., p.107

²⁷ Han Ryner (1861-1938), filósofo anarquista francês, marcado pelo estoicismo, autor de Pequeno Manual Individualista, de 1903 e da novela O amor plural.

²⁸ Moura/ Leite, 2005, op. cit, p.168.

²⁹ M.L. Moura, Prefácio a Julio Barcos, também citado em Moura/Leite, 2005, p. 54

Ao mesmo tempo, Maria Lacerda diferencia insistentemente a idéia do amor plural, inspirada em Han Ryner, do pluralismo amoroso, defendido por outro anarquista francês, Émile Armand³⁰. Segundo ela,

“O amor plural é sempre, tanto para o homem como para a mulher, o desabrochar da liberdade, da sabedoria e do individualismo. Mas, a camaradagem amorosa de “L’Ellébore” ou vossa “Fraternidade do Amor”, esse contrato que esposa um grupo inteiro, conhecidos e desconhecidos, é infinitamente mais servil que o contrato banal e o casamento diante de um ventre enfaixado de tricolor.”³¹

Anarquista, Maria Lacerda questiona, ainda, as concepções amorosas da comunista russa Alexandra Kollontai, líder da Oposição Operária ao Partido Bolchevique, que conhecera pela tradução de A nova mulher e a moral sexual, de 1919, em relação à organização da vida amorosa:

“Mas sonhar com o “domínio” de um partido ou de uma ideologia para todo o orbe e “organizar” o amor segundo os interesses desse partido ou dessa classe ou ideologia – é sufocar a liberdade, é forjar e cultivar a luta sem tréguas, desprezar as experiências do passado e conservar indefinidamente o mesmo caos social. (...) Deixem o amor livre, absolutamente livre. Homens e mulheres encontrarão nas leis biológicas e nas necessidades afetivas e espirituais, o seu caminho, a sua verdade e a sua vida. A solução só pode ser individual. Cada qual ama como pode...”³²

³⁰ Émile Armand (1872-1962), anarco-individualista francês, autor de La révolution sexuelle et La camaraderie amoureuse, de 1934, entre outras obras.

³¹ Idem, p. 170

³² Maria Lacerda de Moura -Han Ryner e o Amor Plural, S. Paulo: Unitas, 1928, pgs. 129/132. Também citado em Miriam Moreira Leite, op.cit., p.108

Crítica radical do capitalismo e dos regimes totalitários, que cresciam em sua época, como aparece em sua obra Civilização – Tronco de escravos³³, e apostando nas formas autogestionárias de vida em sociedade e na plena liberdade de expressão dos sentimentos e afetos, Maria Lacerda ataca a moral supostamente revolucionária, ditada pelo partido político, que, na verdade, visa codificar os atos, controlar os gestos e determinar as condutas em todas as dimensões:

“Que fantasia esquisita, quando se ama a liberdade, de se divertir em organizar, isto é, em destruir a liberdade. (...) Toda organização vencedora torna-se abominável como um Estado ou uma Igreja.(...) O único refúgio é o amor livre e plural não organizado. A organização estraga tudo. Organizar a liberdade é criar a servidão. Organizar o amor é criar os ciúmes e os ódios. O amor plural é um sentimento ingênuo e natural, doce e inocente como meu gosto pela aldeia na qual dei os meus primeiros passos e onde organizei meus primeiros olhares.”³⁴

Vale lembrar que, na imprensa libertária dos inícios do século 20, são inúmeros os artigos assinados pelas militantes anarco-feministas, como Matilde Magrassi, Isabel Cerruti, Josefina Stefani, Maria Antonia Soares, Maria de Oliveira e Tibi, entre outras, em que atacam a hipocrisia da moral burguesa, a imposição do casamento monogâmico indissolúvel, a disciplina do corpo feminino, defendendo tanto o direito ao divórcio, quanto ao prazer sexual. O amor livre foi tema constante das discussões nos meios operários libertários, em que se pretendia encontrar novas bases de fundação de uma sociedade justa e livre. O artigo intitulado “O livre amor”, por exemplo, publicado no jornal “O Amigo do Povo”, em 17/01/1904, procurava explicar essa concepção tão transgressora aos olhos do poder, naquele período:

“A união livre não tem necessidade alguma de farsas da grande mascarada social, das consagrações “legais”, do cerimonial arcaico, dos juramentos, dos compromissos, das coerções, das mentiras e das ameaças que lhe tirariam toda a sua beleza, *imoralizando-a* .

³³ Maria Lacerda de Moura – Civilização – tronco de escravos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1931

Só pode ser contraída entre dois indivíduos seguros de si, conscientes dos seus atos e sabendo assumir toda a responsabilidade, porque eles sabem pensar, sentir e querer por si mesmos.”

Uma das poucas mulheres a discutir abertamente a questão do comércio sexual, Maria Lacerda, assim como a anarquista russa Emma Goldman³⁵, critica a regulamentação da prostituição, isto é, a política segundo a qual o Estado deveria regulamentar a prostituição, fichar as meretrizes, definir os horários de funcionamento e a própria localização geográfica da zona do meretrício, assim como o “tráfico das brancas”, como era então chamada a vinda organizada de prostitutas europeias para Buenos Aires, São Paulo e Rio de Janeiro, trazidas por gangues especializadas³⁶:

“Que dizer de uma civilização que permite o caftismo - fingindo que o persegue, permite o tráfico das brancas, necessário para a “instituição sagrada da família” (!) e que, depois, prende a mulher ludibriada, nos Saint-Lazare ou no Bon Pasteur, enquanto o homem continua a sua vida de conquistador de outras futuras prisioneiras, livre das garras da polícia(...)”³⁷

No desenrolar de sua vida, Maria Lacerda aposta cada vez mais no anarquismo individualista. Sem filhos e divorciada do marido Carlos Moura, passa a viver modestamente numa comunidade em Guararema, no interior de São Paulo, entre 1928 e 1937. “*Em contato com os livros e com a Natureza*”³⁸, estuda, escreve e aí pratica a pedagogia libertária, também chamada de educação racionalista, com outros companheiros e seus filhos. Este é o período mais intenso da sua atividade intelectual, uma época em que se sentia “*livre de escolas, livre de igrejas, livre de dogmas, livre de academias, livre de muletas, livre de prejuízos governamentais,*

³⁴ Idem, pgs.169 e 174.

³⁵ Veja-se Emma Goldman – Tráfico de mujeres y otros ensaios sobre feminismo. Barcelona: Cuadernos Anagrama, 1977

³⁶ Sobre a história da prostituição e o “tráfico das brancas” para o Brasil, veja-se Margareth Rago – Os Prazeres da Noite. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

³⁷ M. L. de Moura - Religião do Amor e da Beleza, op.cit., p.166.

³⁸ Citado por Miriam Moreira Leite, op.cit., p.90

religiosos e sociais. Tão anti-social quanto possível”, como narra em sua “Autobiografia”.³⁹ É também um período de grande combatividade, em que, segundo informa sua biógrafa, realiza “*o maior número de conferências e a viagem à Argentina*”⁴⁰, e em que publica livros políticos tão contundentes como Clero e Fascismo – Horda de Embrutecedores e Fascismo-filho dileto da Igreja e do Capital⁴¹, em que ataca violentamente o nacionalismo, a Igreja, o poder dos Estados e os regimes totalitários, e em que defende o pacifismo.

Falece no Rio de Janeiro, em 1945.

Concluindo

Diz Foucault que um dos principais focos da resistência política em nossa atualidade é a luta contra as formas de individualização impostas pelo Estado e, podemos acrescentar, pela mídia.⁴² As sofisticadas formas contemporâneas de controle das subjetividades, de captura dos corpos e mentes evidenciam-se de maneira cada vez mais assustadora, deixando muito claro que nenhuma transformação radical da vida em sociedade é possível se não passa pela transformação dos próprios indivíduos, e se não questiona os modos pelos quais somos levados a nos constituirmos enquanto súditos também dos poderes invisíveis e moleculares. Nessa direção, Deleuze aponta para as possíveis linhas de fuga ao biopoder como saídas diante das máquinas totalitárias de esquadramento e fixação do indivíduo e da população simultaneamente.⁴³

Essas intempestivas reflexões filosóficas e políticas permitem-nos, em nossos dias, olhar para uma figura tão singular quanto Maria Lacerda de Moura com enorme perplexidade, afinal, há um século, ela tocava com profundidade em questões que, de modo geral, eram consideradas de menor peso diante da importância que assumia a luta pela mudança dos sistemas sócio-

³⁹ Maria Lacerda de Moura – “Autobiografia”, *O Combate*, São Paulo, 3 ago. 1929, n.5110, p.3

⁴⁰ Idem., p.91

⁴¹ Maria Lacerda de Moura - Serviço militar obrigatório para a mulher? Recuso-me! Denuncio! São Paulo: A Sementeira, 1933; Clero e Fascismo – Horda de Embrutecedores. São Paulo: Editorial Paulista, 1934; Fascismo - filho dileto da Igreja e do Capital. São Paulo: Editorial Paulista, s/d

⁴² Michel Foucault – “O Sujeito e o poder” In: P Rabinow; H. Dreyfus – Michel Foucault, uma trajetória filosófica. Para além do Estruturalismo e da Hermenêutica. S.Paulo: Forense Universitária, 1995, p.239.

⁴³ Gilles Deleuze – Mil Platôs. São Paulo: Editora 34, 2000.

econômicos e dos regimes políticos. Mesmo o feminismo daquele momento, marcado pelas concepções liberais e que ignorava o feminismo libertário enunciado pelas trabalhadoras das fábricas limitava-se à luta pelo acesso das mulheres à educação e à cultura, pelo seu ingresso na esfera pública e pelo direito de voto, questões da maior importância, sem dúvida, mas que deixam intactas a própria definição da identidade feminina, imposta por discursos biologizantes que aprisionaram as mulheres nas interpretações masculinas e machistas de seu corpo e de seu modo de ser.

A falência do mundo dito socialista e, especialmente, a crise das esquerdas, desde as últimas décadas do século 20 forçaram a busca de novas concepções e de outras formas de experimentação social que, em suas próprias épocas, foram especialmente incompreendidas e desqualificadas como românticas, pré-políticas e menores. Nesse sentido, a figura libertária de Maria Lacerda de Moura ganha força, no presente, pela intensidade de suas reflexões e questionamentos, por sua ousada crítica à moral do medo e da sujeição, praticada à esquerda e à direita, vale lembrar, que impede uma plena expansão da criatividade do indivíduo e da coletividade.

A partir da construção de um pensamento original e, ao mesmo tempo, em constante diálogo com autores/as provocativos e críticos, mas também rebatendo com muita lucidez os argumentos dos conservadores de seu tempo, Maria Lacerda inventou eticamente e propôs novas experimentações de vida em sociedade, especialmente em sua própria experiência cotidiana, em Minas Gerais, em São Paulo, em Guararema, ou no Rio de Janeiro. Apostando na solidariedade, no respeito à diferença, na liberdade de amar e no pacifismo, lutou contra os micropoderes que atravessam as relações no cotidiano da vida social, tanto quanto contra o poder bélico e o racismo dos Estados.

Fundamentalmente, ao questionar radicalmente a condição social e a dominação cultural sobre as mulheres e ao demonstrar que a exclusão feminina não se devia à sua constituição biológica, tanto por suas profundas reflexões, quanto por sua própria capacidade de combate ideológico e de intervenção social, Maria Lacerda abriu as portas para que as mulheres pudessem olhar-se de outro modo e lutar por sua autonomia econômica e subjetiva.

Se hoje dispomos de conceitos que nos levam a reler e a repensar as experiências do passado e que nos possibilitam “*escovar a história a contrapelo*”, como propõe Walter

Benjamin, e estabelecer novos vínculos com a tradição, não há como negar a importância das críticas contundentes, das intensas reflexões e da insistência da luta travada por Maria Lacerda de Moura para transformar o imaginário social e cultural, tarefa fundamental para o surgimento de novos modos de pensar e agir, no Brasil e no mundo.

PRINCIPAIS OBRAS DE MARIA LACERDA DE MOURA

- Em torno da Educação. São Paulo: Teixeira, 1918
- A mulher é uma degenerada? São Paulo: Typ.Paulista, 1924, 1ª ed.; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1932, 3ed.
- Religião do Amor e da Beleza. São Paulo: Condor, 1926
- Han Ryner e o Amor Plural, São Paulo: Unitas, 1928
- Prefácio a Júlio Barcos - Liberdade Sexual das Mulheres. Traduzido por ela, 4ª ed., 1929
- Civilização – tronco de escravos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1931
- Amai e não vos multipliqueis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1932
- Serviço militar obrigatório para a mulher? Recuso-me! Denuncio! São Paulo: A Sementeira, 1933
- Clero e Fascismo – Horda de Embrutecedores. São Paulo: Editorial Paulista, 1934
- Ferrer, o Clero Romano e a Educação Laica. São Paulo/s.n., 1934
- Fascismo - filho dileto da Igreja e do Capital. São Paulo: Editorial Paulista, s/d

BIBLIOGRAFIA

- Besse, Susan K. – Modernizando a Desigualdade. São Paulo: EDUSP, 1999
- Deleuze, Gilles – Conversações. São Paulo: Editora 34, 1990;
- _____. Mil Platôs. São Paulo: Editora 34, 2000.
- Fausto, Boris – Trabalho Urbano e Conflito Social. São Paulo: Difel, 1976
- Foucault, Michel - Vigiar e Punir. Rio de Janeiro: Graal, 1976
- Gallo, Silvio – Educação Anarquista: um paradigma para hoje. Piracicaba: Ed. UNIMEP, 1995;
- _____. Pedagogia do Risco: experiências anarquistas em educação. Campinas: Papirus, 1995
- Goldman, Emma – Tráfico de mujeres y otros ensaios sobre feminismo. Barcelona: Cuadernos Anagrama, 1977
- Hahner, June - Emancipating the Female Sex. The Struggle for women's rights in Brazil, 1850-1940. London: Duke University Press, 1990.
- Jomini, Regina C. M. – Uma educação para a solidariedade: contribuição ao estudo das concepções e realizações educacionais dos anarquistas na República Velha. Campinas, SP: Pontes : Editora da UNICAMP, 1990.
- Leite, Miriam L. Moreira – Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Ática, 1984;
- _____. (org.) – Maria Lacerda de Moura, uma feminista utópica. Florianópolis: Editora Mulheres, 2005.

- Passetti, Edson – Éticas dos Amigos: invenções libertárias da vida. S. Paulo: Ed.Imaginário/Capes, 2003
- Patman, Carole – O contrato sexual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993
- Pena, Maria Valéria J. – Mulheres e Trabalhadoras. Presença feminina na constituição do sistema fabril. Rio de Janeiro: Paz e Terra.1981
- Rabinow, P;Dreyfys, H. – Michel Foucault, uma trajetória filosófica. Para além do Estruturalismo e da Hermenêutica. S. Paulo: Forense Universitária, 1995
- Rago, Margareth – Do cabaré ao lar. A utopia da cidade disciplinar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, 1ªed, 3ed.1991
- _____. Os Prazeres da Noite.Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991
- Richter, Liane Peters – Emancipação feminina e moral libertária: Emma Goldman e Maria Lacerda de Moura. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em História da UNICAMP,1998
- Rodrigues, Edgar – Os Libertários. Rio de Janeiro: VJR Editores Associados, 1993.
- Saffioti, Heleieth - A mulher na sociedade de classes: Mito e realidade. SP: Quatro Artes, 1969.
- Woolf, Virginia – Um teto todo seu. S. Paulo: Círculo do Livro, s/d.